

LOBIVAR MATOS: UM CLÁSSICO DESCONHECIDO

Paulo Sérgio Nolasco dos Santos
UFMS

Para o Professor Lins.

Eu sou o poeta desconhecido...

Lobivar Matos

Recebi um presente: uma cópia do poema “sol”, inédito, em manuscrito do próprio Lobivar Matos, escrito no Rio de Janeiro, em 1938:

Para esta reunião do GT de Literatura Comparada, durante o XV Encontro Nacional da ANPOLL – Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística –, que se realiza em Niterói, quero retomar a referência ao “poeta desconhecido”, o sul-mato-grossense Lobivar Matos (1915-1947), para fazer retornar a presença do ausente (o poeta desconhecido) que se torna um nome–signo emblemático da própria vida da literatura enquanto história dos seus textos.

Transcorridos sessenta anos desde que o poeta escreveu este texto e o momento que o recebi, acompanhado de um “dossiê” Lobivar Matos, registram-se, *grosso modo*, dois fatos que se interligam na vida literária, na crítica e na academia universitária. Primeiro o meu próprio desconhecimento de um nome expressivo não só da literatura de meu país, portanto, nacional (desconhecimento agravado mais ainda por se tratar de um poeta sul-mato-grossense) e depois os reveses e os (des)caminhos à que o sucesso ou a fortuna de um autor e sua obra estão submetidos, inexoravelmente, aos solavancos da história literária freqüentemente moldada por interesses de vários mercados, em especial da alfândega nem sempre atenta que projeta alguns nomes e condena outros ao silêncio e ao repouso no depósito das mercadorias que não encontraram boa cotação em seu tempo, ou, quando não, relegados, ao esquecimento total.

De minha parte, o interesse por Lobivar Matos nasceu, como disse, da leitura do “dossiê” e do livro publicado *Lobivar Matos – O poeta desconhecido*, do Professor José Pereira Lins (LINS: 1994). Também, isso veio ao encontro de um projeto de estudo, ainda restrito, que desenvolvo sobre a produção artístico-cultural sul-mato-grossense, cujo objetivo parte da constatação de que a região sul do Mato Grosso não foi devidamente mapeada em sua rica diversidade cultural. Essa região, do extremo oeste do Brasil, marcada na sua formação por um variado processo migratório, favoreceu-se grandemente no desenvolvimento da sua produção artístico-cultural. Daí que, o objetivo principal desse projeto de estudo é a *recuperação, registro e divulgação* de aspectos e/ou questões específicas da região e que ainda não foram devidamente estudados ou pesquisados.

Assim, quando recebi o material sobre Lobivar Matos, e sabedor de que tudo o mais estava a minha disposição na biblioteca do Professor Lins, em Dourados, inclusive as primeiras e únicas edições de *Areotore e Sarobá*, publicados em 1935 e 1936 respectivamente, compreendi que tenho em mãos um valioso material, que, somando ao *corpus* fabuloso do que já se constituía um rico objeto de estudo – o local, a região sul do meu Estado –, além de tudo, o próprio epíteto com que se batizava Lobivar Matos, “o poeta desconhecido”, oferece uma chave importante para se repensar as condições sócio-culturais que interagem na divulgação de um nome, de uma obra, e até mesmo de uma região em especial, pois, assim como se reconheceu uma inteligente percepção no domínio da arte poética na obra lobivariana, também se observa o quanto sua cidade natal, Corumbá – a cidade branca –, com seu casario do porto e o bairro negro, está presente nos poemas do autor.

Passados sessenta anos, o cognome “poeta desconhecido” faz ressoar, hoje, a necessidade urgente de uma reedição das duas obras de Lobivar Matos, cuja importância tanto para a historiografia literária sul-mato-grossense como para a historiografia nacional é fato já salientado por estudiosos como Tasso da Silveira, dentre outros, e por Manoel de Barros, amigo e contemporâneo de Lobivar, que, em jornal do Rio de Janeiro, registrou com propriedade a “roupagem” modernista que justifica a atualidade de Lobivar Matos: “Aprecio a roupagem simples com que Lobivar Matos vestiu seus poemas. Não possuem aquele entochamento compacto da terminologia clássico-acadêmica. Pelo contrário, seu vocabulário é folclórico, apanhado do povo distante, de lá de Mato Grosso. Os estudiosos de costumes regionais têm em *Sarobá* uma fonte de estudos. Estou certo que o livro de Lobivar Matos, bem lotado de imagem e de realismo abriu para os jovens do Brasil a janela ampla que dá para a arte moderna, humana e sem preconceitos”. (Apud LINS: 1998, p. 20)

Com efeito, há que se sublinhar a maestria com que o poeta corumbaense se utiliza do verso livre, da notação elíptica do verso e da disposição gráfico-espacial na folha em branco, num procedimento modernista, para criar imagens que, como no poema “Aranha tecedeira”, brotam da própria tessitura textual para significar a relação analógico-comparativa entre a “aranha tecedeira” e o poeta que tece, *sem glória, fios de seda, fios leves de ouro nas fibras da sensibilidade humana!* (LINS: 1994, p. 29). Nesse sentido poderiam se justificar relações de homologia entre o “poeta desconhecido” e o autor de *Da Educação pela pedra*, João Cabral de Mello Neto, p.ex., nos poemas “Tecendo a manhã” e “Catar feijão”. Outros versos lobivarianos tematizam a grandeza das coisas simples que muitas vezes lembram a poética de seu contemporâneo Manoel de Barros. Como nessa primeira estrofe do poema “Lavadeiras”: “A manhã, - lavadeira velha - esfregou o sol e o estendeu na terra para secar...” (Apud LINS: 1994, p. 15).

Por fim, o cognome com o qual se batizou Lobivar Matos, além do que se observou, nos faz alerta para repensar uma das questões fundamentais da historiografia e com a qual muito se preocupa a crítica literária contemporânea, principalmente os estudos de literatura comparada. Ou seja, a fortuna crítica de um escritor e as injunções sócio-econômicas que, no caso de Lobivar Matos, parecem ter sido decisivas para o esquecimento de uma obra que, sem dúvida, tornou-se uma página da literatura brasileira, e de uma história de vida, a do próprio Lobivar Matos, entrecruzada por idas e vindas do Rio de Janeiro para Corumbá que parecem configurar, nesse caso, um *ethos* errático, à deriva da história oficial e à margem da vida. Questões como essa, do inexpressivo ou nenhum acolhimento de um escritor, continuam intrigando os estudiosos da literatura, seja para melhor avaliar o poder decisivo à que se submete a literatura pela recepção e quês variantes, como a da difusão mercantil e/ou acadêmica, acabam por excluir ou incluir obras e autores num cânone que, hoje mais do que nunca, mostra suas lacerações.

A propósito, Claudio Cezar Henriques, em artigo que estuda com profundidade o caráter valorativo e as possíveis conceituações do que seja o termo “clássico”, mostrou que autores de inabalável institucionalização canônica e “acima de qualquer suspeita” são também “Ilustres” desconhecidos. E cita o artigo “A recepção de Machado de Assis em Portugal”, de Pedro Calheiros: “Machado de Assis é um desconhecido em Portugal, e nem tenho a certeza de poder acrescentar o costumeiro adjetivo que muito serve nestas situações” (Apud HENRIQUES: 1997, p. 85-105).

Referências Bibliográficas:

- HENRIQUES, Claudio Cezar. *Sob o signo dos quatro*. Matruga, Rio de Janeiro: n.9, p. 85-105, out./1997.
- LINS, José Pereira. “Dossiê” Lobivar Matos. 1998, 25p.

- LINS, José Pereira. *Lobivar Matos – o homem e o poeta*. Trabalho apresentado no VI Ciclo de Literatura. Dourados: 1998.
- LINS, José Pereira. *Lobivar Matos – o poeta desconhecido*. Dourados: 1994, 68p.
- NETO, João Cabral de Melo. *Da Educação pela Pedra à Pedra do Sono*. (Antologia poética). São Paulo: Clube do Livro, s/d., 256p.
- NOLASCO, Paulo Sérgio (Org.). *Ciclos de Literatura*. Campo Grande: Editora UFMS, (no prelo).
- NOLASCO, Paulo Sérgio. *A literatura comparada no extremo oeste do Brasil. Relatos de Pesquisas*. Salvador: UFBA/ANPOLL, set./1997, p. 27-30.